

## Dossiê Temático

### Quem enxerga a criança trans?

#### Memórias de um menino transgressor

Thomas Victor Barreto Cardoso<sup>1</sup>

**Resumo:** Um resgate de memórias de um menino transgênero, que sobreviveu as pedagogias corretivas de gênero impostas pela heterocisnormatividade. Seguindo a provocação de Preciado (2013) e Sedgwick (1991) em olhar nossas infâncias, e como este processo pode ter sido violento, doloroso e silenciado. Corpos ditos transgressores de gênero e sexualidade, marginalizados e silenciados em espaços públicos e privados, impossibilitando a criança o amadurecimento e vivência de sua identidade e subjetividade. Essa análise se faz dentro de uma perspectiva fenomenológica pós-estruturalista. Um resgate do passado para que se possa entender e curar o presente, para finalmente, libertar a criança que foi mantida presa por muitos anos e lutar para que outras crianças possam sobreviver e viver sua identidade livremente.

**Palavras-chave:** criança; memória; transgressor; corpo; gênero.

#### Introdução

Temos o hábito de pensar nas crianças como seres frágeis, quando na verdade penso que minha criança era muito mais forte do que sou hoje na vida adulta. Toda a minha vida nasceu antes de mim, todos os sonhos e aspirações que eu teria, as roupas e brinquedos que possuiria, como também meu comportamento e sexualidade. Tudo isso surgiu quando o médico declarou que eu possuía uma vagina e cromossomos XX, e, portanto, era uma menina. Segundo Guacira Louro,

A afirmação ‘é um menino’ ou ‘é uma menina’ inaugura um processo de masculinização ou de feminização com o qual o sujeito se compromete. Para se qualificar como um sujeito legítimo, como um ‘corpo que importa’, no dizer de Butler, o sujeito se verá obrigado a obedecer às normas que regulam sua cultura. (LOURO,2018, p.16).

Nasci a “menina do papai”, era linda, delicada, quietinha e doce. Esse espaço de silenciamento, privativo e de subordinação me foi reservado junto ao meu corpo, como

<sup>1</sup> Licenciado em Ciências Biológicas e Mestrando junto ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos da Condição Humana da Universidade Federal de São Carlos, campus Sorocaba.

se viesse impresso no meu código genético. A minha criança tinha bonecas, vestidos, jogos de cozinha e gostava de contos de fada, de todos os tipos. E assim, meus privilégios me permitiram acessar espaços e instrumentos dos quais deram tempo e “conforto” para que minha criança construísse sua identidade.

Não demorou muito para que ela começasse a se sentir desconfortável e errada, com aquelas roupas, brinquedos e comportamentos. De acordo com Berenice Bento,

A infância é um momento em que os enunciados performativos são interiorizados e se produz a estilização dos gêneros: ‘homem não chora’, ‘sente como uma menina!’, ‘isto não é coisa de uma menina!’. Esses enunciados performativos têm a função de criar corpos que reproduzem as performances de gênero hegemônicas. (BENTO,2017, p.86).

Meu maior privilégio foi não ter sido inteiramente cerceado de mudanças, pois logo que aprendi a falar e minimamente entender meu poder de escolha, me neguei a vestir roupas ditas “femininas”. E fui permitido, minha única restrição era o cabelo, do qual eu não poderia me livrar, pois ele era meu símbolo de feminilidade.

O mundo infantil se constrói sobre proibições e afirmações. Essa pedagogia dos gêneros tem como objetivo preparar para a vida referenciada na heterossexualidade, construída a partir da ideologia da complementaridade dos sexos. É como se as ‘confusões’ nos papéis provocassem, direta e imediatamente, ‘perturbações’ na orientação sexual. (BENTO,2017, p.84).

Eu era diferente, e sentia o olhar da diferença sobre mim. Era diferente das outras meninas, que transbordavam feminilidade, e também dos meninos, então me questionava “O que sou eu? Realmente existo?”. A sensação de ser diferente me tornou uma pessoa ainda mais introvertida, que encontrava sossego no silêncio, na solidão e nas histórias. Importante refletir em como os contos de fada nos proporcionam esperanças irreais, que muitas vezes, são necessárias para nossa sobrevivência, e no imaginário infantil, isso se torna ainda mais real.

Nesses contos podia imaginar minha história, e pedir a estrela azul para ser “um menino de verdade” como o Pinóquio, ser como a Mulan, ou quem sabe encontrar uma lâmpada mágica e pedir para ter um pênis. É isso que faz um menino ser menino, não é? Hoje sei que não, mas uma criança sabe apenas o que lhe é imposto pela heteronormatividade, e em todos os tipos de linguagem, que meninas usam rosa, tem vagina e devem se comportar, já os meninos possuem pênis, usam azul e são atrevidos e violentos.

## Corpo transgressor

Com cerca de seis anos, enquanto brincava com outras crianças me perguntaram “Você é menino ou menina?”, e isso me fazia questionar se eu poderia ser outra coisa. Minha aparência andrógina causava um transtorno na ideia da figura tão constantemente criada sobre os gêneros pela sociedade. Como no filme francês *Tomboy* (2012), dirigido por Céline Sciamma, onde até então personagem lida como Laure, percebe sua passabilidade, e assim passa a viver sua identidade como Mickael.

Logo, compreendi que meu corpo era a única barreira para que me vissem, como eu me via. Como foi dito por Louro,

Mais que um conjunto de músculos, ossos, vísceras, reflexos e sensações, o corpo é também a roupa e os acessórios que o adornam, as intervenções que nele operam, a imagem que dele se produz, as máquinas que nele se acoplam, os sentidos que nele se incorporam, os silêncios que por ele falam, os vestígios que nele se exibem [...] (LOURO, 2013, p.31).

Todos os dispositivos atuam para naturalizar a ideia do corpo como portador de identidade do sujeito, fazendo dele a principal barreira para a validação da nossa identidade enquanto pessoa transgênero. Este meu corpo só passou a ser um problema quando foi entendido a necessidade de mudança para que eu pudesse existir fora do meu imaginário, uma mudança que deveria ser feita para um enquadramento nos conceitos heteronormativos do que é masculino e feminino, e assim, se tornar um corpo válido.

## Brincadeiras e brinquedos agressores

Com o tempo criei a liberdade de pedir por outros brinquedos como carrinhos, bonecos “masculinos”, mas também bonecas e jogos de cozinha. O gosto pelo brincar e criar, ultrapassaram as fronteiras de gênero, e no ambiente privado isso era aceitável, mas aos olhos dos outros, já era um indício do “transtorno” da minha sexualidade.

Os objetos também compõem o processo de criação de identidade, traduzindo e materializando expectativas e discursos.

A cultura infantil é uma esfera onde o entretenimento, a defesa de ideias políticas e o prazer se encontram para construir concepções do que significa ser criança- uma combinação de imposições de gênero, raciais e de classe,

através das quais elas se definem em relação a uma diversidade de outros. (GIROUX,1995, p.49).

A partir da Antropologia pode-se dizer que o ser humano “é o resultado do meio cultural em que foi socializado. Ele é um herdeiro de um longo processo acumulativo que reflete o conhecimento e a experiência adquirida pelas numerosas gerações que o antecederam”. (LARAIA, 2009, p.485). Logo, pensamos em como essa cultura cisgênera afeta a formação do sujeito de uma criança que não se encaixa nessa norma, onde ela sutilmente vai sofrendo violências que a todo momento a excluem e silenciam. A família, a escola, e outros meios de socialização vão mostrar que o “natural” é viver a cisnormatividade e se encaixar dentro do binarismo, e que tudo diferente disso é transgressor e fica à mercê de ser “consertado”.

A escola era um ambiente abominável. Entrava aos prantos e assim saía, com o medo de sair da minha bolha de segurança. É na escola que as diferenças ficam a flor da pele, desde a sua roupa, seu comportamento, sua postura, até sua capacidade intelectual. A sensação de ser invisível se tornava ainda maior, e muitas pessoas de fato pensavam que eu era mudo ou esqueciam a minha presença, e isso nem sempre era visto, por mim, como algo ruim.

Lembro-me muito bem de sentar à mesa sozinho, lanchar e ver todas as crianças brincando e se divertindo. E eu chorava, por saber que nunca seria como elas. Aos poucos tentava me enturmar, a fim de evitar olhares, e perguntas, as quais não sabia responder. Barrie Thorne (1993) ao observar as relações de gênero entre crianças questiona o que chama de “teoria de culturas diferentes entre meninos e meninas”, a autora diz:

[...] por ser baseada em dicotomias, uma abordagem baseada na noção de culturas diferentes exagera a diferença de gênero e negligencia a variação no interior do gênero, as fontes de divisão e de comunalidade que o atravessam, tais como classe social e etnicidade. Esses fatos abalam, seriamente, o ordenado conjunto de contrastes que formam a visão de culturas diferentes e colocam o desafio de como se pode apreender os padrões complexos de diferença e comunalidade, sem estereótipos perpetuadores (THORNE,1993, p.96).

Thorne (1993) em sua pesquisa, evidenciou que as crianças absorvem os estereótipos de gênero que permeiam os livros, músicas, propagandas, programas de televisão e filmes. Além disso, imersas em instrumentos que reforçam o que é ser um menino ou uma menina também perpetuam o gênero por meio de seus jogos e

interações. Mas na escola também se criam situações onde os limites entre os gêneros são atravessados.

### Atravessando as fronteiras de gênero

Para Weeks (1993) o simples ato de cruzar a “fronteira do gênero” pode ser lido como uma grave transgressão. Esse momento de percepção está diretamente ligado ao momento da autodescoberta como pessoa trans<sup>2</sup>, mesmo que a criança não tenha conhecimento do termo, aos poucos, percebe que a leitura social que a sociedade faz dela, seu corpo, não é correspondente ao seu gênero. Vestimentas, brincadeiras e brinquedos são importantes no processo de implementação dos papéis sociais, e por isso são também símbolos de estranhamento no processo de construção de sujeito em crianças trans, pois estas buscarão os instrumentos que fazem jus a sua identidade de gênero, e não a expectativa criada diante do seu corpo.

[...] questões de gênero se evidenciam: se para as mulheres transexuais, as travestis e o crossdresser a aparência se torna um elemento central na constituição da própria identidade(...) já para os homens transexuais pesam mais as questões relacionais, a convivência com outros homens, a projeção da possibilidade de uma vivência masculina. (JESUS, 2013, p.11).

Ao perceber-se diferente, a criança trans tende, muitas vezes, a manifestar sua identidade de gênero de forma sigilosa, pelas opressões sofridas pelos pais ou na escola. Conforme Natacha Kennedy (2010, p.27), desde muito cedo a criança procura esconder sua identidade de gênero, pois,

[...] tornam-se muito rapidamente conscientes de que suas diferenças são socialmente inaceitáveis e que precisam ter cuidado em expressá-las. Isto parece levá-las a fazer o que pode ser a decisão muito lógica e inteligente para esconder suas identidades de gênero (KENNEDY,2010, p.27).

Kennedy e Hellen (2010) apontam para a suspeita de que o silenciamento sobre a realidade das crianças que vivenciam a transgeneridade seja uma estratégia de supressão das vivências subjetivas dessas crianças, decorrente de visões estereotipadas sobre gênero (cissexismo) e do preconceito contra a população transgênero.

E assim como eu, muitas crianças silenciam-se pela constante repressão social a sua expressão e pensamentos. Nossas inquietações, questionamentos, vontades e

<sup>2</sup> Entende-se como trans todas as pessoas que não se identificam com o gênero designado no nascimento.

sentimentos, são enterrados, podendo ser acessados apenas por nós mesmos, na solidão. As pedagogias corretivas praticadas em nossos corpos e sujeitos, evitando a transgressão viram cicatrizes que, ainda hoje, nos dói. Uma violência infantil velada pela ideia vendida pela norma hegemônica, de que não existem crianças transexuais/travestis, e sim que somos corrompidos ao longo da vida. Deixando aquela criança trans sozinha, confusa e indefesa.

Essa transgressão também causa perturbações no ambiente que a criança está inserida, sendo as relações familiares uma das maiores e mais frequentes fontes de violência, sendo ela física, psicológica ou verbal. Crianças que fogem ao comportamento da norma heterocisnormativa se encontram, muitas vezes, em ambientes hostis e abusivos ao serem isoladas e rejeitadas por familiares, além de serem alvos das pedagogias corretivas. (SEDGWICK,1991)

Uma vez atravessada essa fronteira se torna difícil voltar atrás, e assim construímos nossa identidade “pisando em ovos”, sem ter a quem ou como pedir ajuda ou até mesmo se sentir representado. Já na adolescência, ou até mesmo idade adulta, temos contato com a pluralidade de identidades, gêneros, sexualidades, e afins, tomando coragem a colocar aquela criança reprimida para fora, e deixá-la viver tudo o que sonhou encontrar nos contos de fadas. Essa realidade só se torna viável, geralmente, quando se encontra uma certa independência financeira ou emocional, para crianças LGBT.

Nas palavras de Preciado (2013) “Nós defendemos o direito das crianças a não serem educadas exclusivamente como força de trabalho e de reprodução. Defendemos o direito das crianças e adolescentes a não serem considerados futuros produtores de esperma e futuros úteros. Defendemos o direito das crianças e dos adolescentes a serem subjetividades políticas que não se reduzem à identidade de gênero, sexo ou raça.” (PRECIADO,2013) entendemos que nossa luta pelo direito das crianças transgêneras, travestis e transexuais está apenas começando e deve ser visível e válida assim como nossas identidades, corpos, sonhos e aflições.

### **Considerações Finais**

Ao fazer o resgate de memórias de uma infância transgressora, entendo o potencial e força que a minha criança teve ao longo de sua trajetória, e que foram fundamentais para sua sobrevivência. Infelizmente, esta envolve silenciamento de

vontades e dores, invisibilidade de sua identidade, solidão e atuação. Crianças trans precisam ser vistas e protegidas, de afeto e compreensão para que possam vivenciar sua verdade, sem que sejam examinadas e diagnosticadas como doentes, com distúrbios e transegressoras. Faz-se necessário interferir e lutar para que essas crianças consigam existir em ambientes familiares, escolares, sejam eles públicos e privados, sem que sejam expulsas ou agredidas. Nossas cicatrizes sempre vão existir para nos lembrar o porquê devemos lutar por outras crianças, para que essas possam existir sobreviver também, e de uma forma menos violenta.

### Referências

BENTO, B. **Na escola se aprende que a diferença faz a diferença.** Revista Estudos Feministas. Florianópolis, v. 19, n.2, p.549-559, Ago 2011. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104026X2011000200016&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104026X2011000200016&lng=en&nrm=iso)>. Acessado em 02/04/2020.

BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual** / Berenice Bento. 3ª ed. Salvador, BA. Editora devires,2017.

DINIS, N. F. **Homofobia e educação: quando a omissão também é signo de violência.** Educar em Revista, n. 39. jan/abr, Editora UFPR, Curitiba, 2011. Disponível em:<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-40602011000100004&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602011000100004&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 27/03/2020.

DINIS, N. F; PAMPLONA, R.S. **A transexualidade em questão: problematizações nos contextos educacionais.** Itinerarius Reflectionis: Revista eletrônica da Graduação/Pós-Graduação em educação, v13, n.2, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.5216/rir.v13i2.48690> . Acesso em:30/03/2020

DINIS, N.F. **Educação, relações de gênero e diversidade sexual.** Inn: Educação & Sociedade. Campinas, SP. v.29, n.103, 2008. maio/ago (p.477-492). Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v29n103/09.pdf>. Acesso em: 12/02/2020

GIROUX, Henry A. **A Disneyzação da Cultura Infantil.** In: SIVA, Tomaz Tadeu da; MOREIRA, Antônio Flávio (orgs.). **Territórios contestados: o currículo e os novos mapas políticos e culturais.** Petrópolis: Vozes, 1995 (p.49-81)

JESUS, J.G. **Crianças Trans: Memórias e desafios teóricos.** In: III Seminário Internacional Enlaçando Sexualidades. Salvador, Bahia, 2013. Disponível em:

[https://www.researchgate.net/publication/250305355\\_Crianças\\_Trans\\_Memorias\\_e\\_Desafios\\_Teoricos](https://www.researchgate.net/publication/250305355_Crianças_Trans_Memorias_e_Desafios_Teoricos). Acesso em: 17/12/2019

KENNEDY, N. **Crianças Transgênero: mais do que um desafio teórico**. Revista Cronos, v. 11, n. 2, 28 nov. 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/cronos/article/view/2151>. Acesso em: 11/12/2019

KENNEDY, N., & HELLEN, M. **Transgender children: more than a theoretical challenge**. Graduate Journal of Social Science, volume 7, número 2, pp. 25-43, 2010. Disponível em:

<<http://gjss.org/index.php?/acymailing/archive/view/7fcc14d5515f6176639c408122cca968/10.html>>. Acesso em: 30/03/2020.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Petrópolis: Vozes, 1997.

\_\_\_\_\_. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Tradução dos artigos: Tomaz Tadeu da Silva, 4ª ed., Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

\_\_\_\_\_. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

\_\_\_\_\_. **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo**. 9. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2013

PRECIADO, P. **Quem defende a criança queer?**. Tradução: Fernanda Nogueira. Liberation, 2013. Artigo publicado em: 14 jan. 2013.

SEDGWICK, E. **How to Bring Your Kids up Gay**. Duke University Press, Carolina do Norte. Social Text, No. 29 (1991), pp. 18-27.

THORNE, B. **Gender play - Girls and boys in school**. New Brunswick/New Jersey: Rutgers University Press, 1993.

WEEKS, J. **El malestar de la sexualidad: significados, mitos e sexualidades modernas**. Madri: Talasa, 1993.

### Who sees the trans child? :

#### Memories of a transgressive boy

**Abstract:** A rescue of memories of a transgender boy who survived the corrective gender pedagogies imposed by heteronormativity. Following the provocation of Preciado (2013) and Sedgwick (1991) in looking at our childhoods, and how this process may have been violent, painful and silenced. Bodies called transgressors of

gender and sexuality, marginalized and silenced in public and private spaces, making it impossible for the child to mature and experience of their identity and subjectivity. This analysis is done within a post-structuralism phenomenological perspective. A rescue from the past so that can understand and heal the presente, to finally free the child who was held for many years and fight so that other children can survive and live their identity freely.

**Keywords:** child; memory; transgressor; body; gender.

**¿Quién ve al niño trans?:**  
Memorias de un niño transgresor

**Resumen:** Un rescate de recuerdos de un niño transgénero que sobrevivió a las pedagogías correctivas de género impuestas por la heteronormatividad. Tras la provocación de Preciado (2013) y Sedgwick (1991) al observar nuestra infancia, y cómo este proceso puede haber sido violento, doloroso y silenciado. Cuerpos llamados transgresores de género y sexualidad, marginados y silenciados en espacios públicos y privados, lo que hace imposible que el niño madure y experimente su identidad y subjetividad. Este análisis se realiza dentro de una perspectiva fenomenológica postestructuralista. Un rescate del pasado para que pueda entender y sanar el presente, para finalmente liberar al niño que estuvo retenido durante muchos años y luchar para que otros niños puedan sobrevivir y vivir su identidad libremente.

**Palabras llave:** niño; memoria; transgresor cuerpo; género.

**Recibido:** 27/04/2020

**Aceito:** 02/07/2020